

## **INDUSTRIALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO E MUDANÇAS NAS SOCIABILIDADES**

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

apresentar as formas de sociabilidades de uma determinada sociedade ou grupo como uma construção cultural mutante.

inserir as mudanças nas formas de sociabilidades dentro de um contexto de transformações políticas e econômicas.

relacionar as sociabilidades com o processo de modernização das cidades e sua urbanização.

### INTRODUÇÃO

A cultura de uma sociedade é o resultado de diferentes fatores sociais, políticos, econômicos e morais de seus habitantes. Da mesma maneira, as formas de sociabilidades serão reflexo daquilo que é social e culturalmente aceito numa sociedade. Portanto, podemos afirmar que as sociabilidades dos membros de uma sociedade constituem uma forma de identidade desses membros.

Tendo em vista que uma sociedade é composta por diferentes grupos e subgrupos, temos que uma sociedade possui diferentes identidades de grupo e esses grupos, por sua vez, distinguem-se, entre outras características, pelas formas de sociabilização que são praticadas.

Sabendo que as estruturas políticas, sociais, culturais, morais e econômicas de uma sociedade sofrem mutações com o passar do tempo, é certo afirmar que as formas de sociabilidades também sofrem modificações.

Esta unidade terá como objeto de estudo as influências das transformações sociais, políticas e econômicas nas formas de sociabilidades em uma sociedade e também abordará as consequências dessas modificações no cotidiano dos diferentes grupos que a compõem.

### O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS E SOCIAIS

O processo de industrialização, que em um primeiro momento afetou apenas a Inglaterra e, em período posterior, estendeu-se a vários outros países europeus e demais regiões do globo através das duas revoluções industriais ocorridas nos séculos XVIII e XIX, não provocou transformações apenas na indústria e nos meios de produção.

As transformações ocorridas no processo de fabrico de inúmeros produtos provocaram mudanças imediatas nas relações internas das fábricas. A própria industrialização foi uma consequência de inúmeras transformações ocorridas nas relações de trabalho.

A especialização das atividades realizadas por cada indivíduo e a automação do sistema produtivo levaram empregadores e operários à estrutura fabril atual, onde as máquinas utilizadas na produção são de propriedade de um grupo economicamente privilegiado, enquanto que a mão de obra é oferecida por um grupo menos abastado.

As relações internas ao sistema produtivo foram modificadas. Essa é uma ideia apresentada por Robert Darnton, ao trabalhar o episódio do grande massacre de gatos. Segundo o autor, paulatinamente houve um distanciamento entre os mestres de ofício e os aprendizes: antes das mudanças, uns e outros atuavam como um único grupo social; depois, passaram a se ver distintamente.

Tal separação, segundo Darnton, teria provocado o surgimento, inclusive, de culturas diferentes entre os grupos (DARNTON, 1996, p.98).

Maria Stella Bresciani destaca essa mudança no mundo do trabalho, ao afirmar que

Os sistemas de trabalho com base em relações pessoais se desfazem substituídos pela impessoalidade do mercado. O vínculo entre o mestre-artesão e seu aprendiz (...) rompe-se; a relação patrão-operário tem um caráter puramente mercantil. (BRESCIANI, 1984/85, p. 38).

Tal distanciamento é característica do advento do capitalismo, que, ao se fortalecer, provoca o surgimento de grupos sociais distintos, baseados na posse ou não dos meios de produção.

No entanto, as mudanças não se mantiveram restritas ao ambiente de trabalho: ultrapassaram os muros das fábricas, provocando transformações no cotidiano da população. Tais transformações serão analisadas tomando como base a coleção História da Vida Privada.

## A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS E AS SOCIABILIDADES

O estudo de Antoine Prost, presente no quinto volume da coleção, focaliza principalmente a transição do trabalho do ambiente privado para o ambiente público, abordagem essa de especial interesse para nós.

Prost assinala que a realidade das camadas populares no início do século XX era bastante diferente da burguesa. Enquanto a população vivia em casas de um único cômodo, a burguesia dispunha de diferentes ambientes em suas residências.

Pelo fato de viverem em residências de cômodo único, a relação entre trabalho e vida familiar fica muito próxima, com barreiras indistintas. A casa é o ambiente de descanso, lazer e trabalho, e a mesma mesa que serve para o almoço e o jantar é também escrivaninha e oficina.

Essa situação provoca a perda de liberdade e do espaço privado da casa por parte dos seus moradores. O incômodo provocado por tal ocorrência desemboca no processo de transformação do ambiente de trabalho, que, por sua vez, ocasionará o surgimento de novas formas de sociabilidades. De acordo com Prost, essa mudança acontecerá pela necessidade de se preservar a vida privada do ambiente e as relações públicas que envolvem o trabalho.

A inexistência de distância e diferenciação entre os ambientes de trabalho e de descanso levava os clientes diretamente à residência dos trabalhadores. Sabia-se que o trabalhador encontrava-se sempre no mesmo lugar, num endereço certo, fosse no momento em que ele estivesse trabalhando, fosse no momento em que estivesse descansando ou fazendo uma refeição.

A indiferenciação do espaço acarretava a indiferenciação do tempo. Quando encontravam a porta fechada, os clientes não hesitavam em bater à janela da cozinha, onde a família estava comendo, e insistiam em ser atendidos sem demora. (PROST, 2009, p.26).

A burguesia nem sempre escapava de tais situações. É o caso, por exemplo, dos médicos. Quando alguém adoecia – em finais de semana, durante a madrugada, ou em quaisquer outros dias ou momentos –, os pacientes sabiam onde encontrar o médico. Numa época em que existia a figura do médico da família, aquele que, por confiabilidade e, muitas vezes, proximidade geográfica, tornava-se responsável pela saúde e tratamento de todos os membros de uma família por gerações consecutivas, era corriqueiro que esse profissional da saúde visse seus momentos de descanso interrompidos por algum enfermo.

No entanto, diferentemente do que acontecia com as populações mais pobres, a burguesia dispunha de um ambiente privado (uma sala de visitas, ou um escritório) em sua residência, onde tais estranhos poderiam adentrar. Já um artesão, por exemplo, não teria alternativa senão interromper toda a refeição da família para ver o único cômodo de sua residência adentrado por algum cliente.

Essas intervenções de pessoas públicas no ambiente privado provocarão, segundo Prost, um movimento em defesa da vida privada, quando

...os fundos das lojas perdem as camas, os armários, os fogões. Os comerciantes alugam um apartamento ou mandam construir uma casa na periferia. Têm dois endereços, e logo duas linhas telefônicas, sendo que apenas uma delas consta da lista telefônica. (PROST, 2009, p. 26).

Outra transformação percebida diz respeito à mudança de mentalidade da população. Em municípios menores ainda existe a indissociação entre o espaço de trabalho e o ambiente residencial, porém essa “indiferenciação [é] atenuada por outro comportamento do público, agora consciente de que estaria ‘incomodando’ fora dos horários considerados normais”. (PROST, 2009, p. 27).

O mesmo processo ocorre nas fábricas. Inicialmente lugares de fácil acesso, as fábricas se tornam ambientes murados e vigiados, mudança muitas vezes provocada pela ocorrência de greves (PROST, 2009, p. 29).

Paulatinamente esse processo de diferenciação entre o ambiente público e privado leva à transformação da cidade, com o surgimento dos zoneamentos. Surgem distritos especificamente industriais, comerciais e habitacionais, numa tentativa de organizar a ocupação do espaço urbano simultaneamente à preservação da privacidade de seus habitantes.

Contudo, essa nova estrutura espacial, com a divisão da cidade em zonas de trabalho e de descanso, não rompe totalmente com a interposição dos ambientes de trabalho e de convívio familiar. Isso porque é comum vermos funcionários de diferentes empresas e ramos de atividade decorarem ou identificarem seu espaço de trabalho com fotos de familiares e outros objetos que dêem personalidade ao espaço. É a vida privada invadindo o ambiente de trabalho.

As mudanças sociais provocadas por essas transformações nas relações entre ambientes privados e públicos são variadas. Inicialmente, podemos apontar mudanças na relação entre os sexos. À medida que o homem - pai de família - deixa o lar para se dirigir ao espaço de trabalho, vai havendo o rompimento de uma igualdade conjugal.

Enquanto homens e mulheres trabalhavam lado a lado em casa, o homem cuidando das atividades voltadas ao artesanato, comércio, e outras mais, a mulher sendo responsável pela administração do lar, do cuidado com as crianças e com as refeições, havia mais igualdade. “O homem e a mulher trabalhavam às vistas um do outro, e ambos de maneira igualmente exaustiva. Nessa economia da miséria, entre os operários ou os camponeses, as mulheres realizavam uma parte do trabalho produtivo”. (PROST, 2009, p. 35).

Com o deslocamento dos homens em direção aos seus ambientes de trabalho, rompe-se com essa realidade e outra se coloca, onde “o trabalho assalariado do homem adquire uma nova dignidade, e a mulher que fica em casa se torna a empregada do marido”. (PROST, 2009, p.35).

Dessa situação de divisão do trabalho entre os cônjuges surge a imagem da “rainha do lar”, aquela mulher que comanda a casa, organiza cada ambiente e o marido, sentindo-se um estranho dentro desse ambiente, vê-se impelido a criar seus espaços de sociabilidades fora da família.

Dentre esses espaços de sociabilidades masculinos destaca-se o bar, frequentado por indivíduos das mais distintas classes sociais. Os bares foram, por muito tempo, espaços de sociabilidades privilegiadamente masculinos e as mulheres que os frequentavam não eram, em geral, bem vistas.

Outras transformações também acontecem, dentre elas a organização espacial da cidade, com a modificação do traçado de ruas e construção de diferentes espaços. É o ideal de modernidade burguesa que sobressai. Bresciani destaca essa mudança geográfica, ao salientar “o traçado em perspectiva das longas avenidas abertas por Haussmann em Paris, na década de 1850” cujo objetivo era “de um lado assegurar o fluxo de homens, mercadorias, transportes e, não esqueçamos, do exército; por outro, impedir que qualquer objetivo oposto a esse se efetivasse”. (BRESCIANI, 1984/85, p.44). Os ideais e domínio dos burgueses sobre a cidade se estendiam, como destaca o referido autor:

O Parlamento, a Prefeitura, a Universidade e o Teatro Municipal, símbolos de uma cultura laica e burguesa, construções sólidas, pesadas, majestosas, em uma palavra, sublimes, tinham para além de suas atribuições institucionais a finalidade de servir de cenário para o curso das famílias ricas. (BRESCIANI, 1984/85, p. 45).

Esse processo de transformações geográficas também se fez sentir no Brasil. No início do século XX o Brasil tinha como principais modelos as sociedades inglesa e francesa. Como apontado acima, pela fala de Bresciani, as cidades francesas estavam se modificando. Inspirados pelo exemplo de modernização representado pelas reformas urbanas de Paris, o Rio de Janeiro, cidade que era, à época, capital federal, foi sendo alterado pelos líderes políticos.

Essa reforma da cidade do Rio de Janeiro foi realizada em três frentes distintas: a modernização do porto, o saneamento e a reforma urbana. Dentre essas fontes, são de especial interesse a reforma urbana e o saneamento. Tal interesse decorre das intensas transformações que essas reformas provocaram nos espaços de sociabilidade da cidade.

Foco de doenças e símbolo da necessidade de mudanças, o centro da cidade era habitado, em sua maioria, por ex-escravos, libertos, que viviam em casebres, compartilhando o espaço de moradia com família geralmente numerosa. A ausência de rede de esgoto no local provocava o surgimento de um grande esgoto a céu aberto no centro da cidade, pois os dejetos, recolhidos em penicos, eram jogados na rua. Uma reforma urbana não era apenas desejada, mas necessária.

Iniciou-se então o processo de demolição das residências da área central (...) Para os atingidos pelo ato era a ditadura do “bota-abaixo”, já que não estavam previstas quaisquer indenizações para os despejados e suas famílias, nem se tomou qualquer providência para realocá-los. Só lhes cabia arrebanhar suas famílias, juntar os poucos bens que possuíam e desaparecer de cena. Na inexistência de alternativas, essas multidões juntaram restos de madeira dos caixotes de mercadorias descartados no porto e se puseram a montar com eles toscos barracões nas encostas íngremes dos morros que cercam a cidade, cobrindo-os com folhas-de-flandres de latões de querosene desdobrados. Era a disseminação das favelas. (SEVCENKO, 1998, p. 23).

Finda a reforma, o centro da cidade, de reduto de ex-escravos pobres, de foco de doenças e desordem, transformou-se no ambiente privilegiado da burguesia. Era o ano de 1904, época em que, segundo Sevcenko (1998, p. 26),

As revistas mundanas e os colunistas sociais da grande imprensa incitavam a população afluyente para desfile de modas na grande passarela da Avenida, os rapazes no rigor smart dos trajes ingleses, as damas exibindo as últimas extravagâncias dos tecidos, cortes e chapéus franceses. (...) Como corolário, as pessoas que não pudessem se trajar decentemente, o que implicava, para os homens, calçados, meias, calças, camisa, colarinho, casaco e chapéu, tinham o acesso proibido ao centro da cidade. Mais que isso, nas imediações, as tradicionais festas e hábitos populares, congregando gentes dos arrabaldes, foram reprimidos e mesmo o Carnaval tolerado não seria mais o entrudo, dos blocos, das máscaras e dos sambas populares, mas os dos corsos de carros abertos, das batalhas de flores e dos pierrôs e colombinas bem-comportados, típicos do Carnaval de Veneza, tal como era imitado em Paris.

A partir desse relato, percebemos como a modernização – no caso, de uma cidade – reflete nas sociabilidades citadinas. A transformação do Rio de Janeiro não englobou apenas mudanças estruturais na cidade, mas modificou a vida de toda a sociedade.

A população mais pobre foi banida do que seria o coração da cidade, de forma violenta e sem quaisquer auxílios por parte do Estado e autoridades. A ânsia por modernizar um espaço público levou a grandes transformações na vida privada da população pobre, que perdeu tudo o que possuía e teve de se realocar nos espaços possíveis. No caso, esses espaços eram marginais, ou seja, exteriores ao espaço reconhecido da cidade. Os morros tornaram-se sinônimo da pobreza e do desamparo que caracterizavam todo um grupo social.

Outra característica que os morros assumiram foi o de lugar perigoso da cidade. Isso se deve ao fato de a população mais pobre e negra estar localizada nessa região, o que no início do século XX era sinônimo de perigo, desordem, imoralidade. (PESAVENTO, 2001, p. 94).

A burguesia carioca também sofre variações. A avenida aberta no centro da cidade representa o ideal burguês e, depois da reforma pronta, torna-se o lugar privilegiado de encontro e sociabilidade daqueles que eram considerados membros da nova sociedade que se quer construir. Com esse pensamento, vemos que os ex-moradores da região não têm liberdade para frequentar a avenida, que passa a ser o cartão-postal da cidade moderna, organizada, burguesa.

À medida que, com a modificação ocorrida no centro do Rio de Janeiro, a população pobre sofre intensas mudanças no seu cotidiano privado, a população enriquecida, constituidora da burguesia carioca, sofre transformações na vida pública.

Portanto, não eram apenas os pobres e os elementos marginais da sociedade que se viam como alvo desse movimento modernizador. Tudo aquilo que simbolizasse uma cidade “sem pudor, malcheirosa (miasmática)

e perigosa” deveria ser escondido, enquanto que a cidade bem comportada, moralista, deveria permanecer visível. (LAPA, 1996, p. 83).

Ao mencionar as instituições, Lapa quer designar hospitais, manicômios, cemitérios e quaisquer outros locais considerados impróprios para uma sociedade moderna. O que não era desejado, bem quisto, não representasse organização, limpeza, civilidade, era expulso para os arredores da cidade. Esse é, por exemplo, o caso dos matadouros, frigoríficos e açougues.

Entretanto, como se sabe, a cidade já possuía um matadouro, pois uma lei de 1859 autorizava a Câmara Municipal a vender em hasta pública “o matadouro velho da mesma cidade applicando o producto na conclusão do novo matadouro”. De qualquer maneira, o matadouro era portanto antiga reivindicação da cidade, pois os animais, criados no meio urbano, eram comumente abatidos nos quintais, quando não em ruas e terrenos baldios, não se tendo cuidado com os restos, que atraíam moscas e outros insetos, exalavam mau cheiro e causavam desconforto à população, enquanto que o velho matadouro, que ficava na Casa da Câmara e Cadeia, estava longe de atender, em termos de instalações e serviços, ao crescimento da cidade no tocando ao seu consumo de carne. (LAPA, 1996, p. 210).

O progresso técnico e científico que marcou a Segunda Revolução Industrial teve um sentido higienizador, transformador e organizador da sociedade. Tudo aquilo que não fosse um símbolo dessa nova sociedade era banido para longe dos olhos da burguesia e transformado.

O processo de industrialização, que provocou muitas modificações desde o início do século e transformou as sociabilidades das sociedades, continua acontecendo. Tais modificações podem ser sentidas, na atualidade, através das sociabilidades criadas e mantidas no ambiente virtual.

As redes de contatos, os sites de relacionamentos, os blogs onde todos e quaisquer pessoas podem postar ações, sentimentos, pensamentos, contos, anedotas e tantas outras coisas que marcam seu cotidiano, são portas abertas para qualquer pessoa ler e conhecer um pouco da pessoa que postou tais informações.

Nesse sentido, retomando a discussão entre espaços públicos e privados anteriormente realizada, podemos apontar que a tecnologia nos permite publicizar nosso espaço privado a partir da privacidade de nosso lar. Ou seja, não é necessário que estejamos em ambientes públicos para participar da vida pública ou expor publicamente algo. Essa publicidade pode ser conseguida a partir do sofá de casa, onde, a partir da tecnologia atual, é possível contatar o mundo sem estarmos em contato real com ele, mas sim em contato virtual.

A tecnologia nos permite, atualmente, realizar dois processos simultâneos: tornarmo-nos indivíduos cada vez mais estritos ao nosso universo



particular, porque não necessitamos entrar em contato real com o mundo público para sociabilizar aquilo que pensamos, desejamos, fazemos; e, ao mesmo tempo, sermos capazes de tornar pública a nossa intimidade, através de mensagens digitadas, de fotos postadas e de webcams que permitem ao mundo exterior invadir nosso espaço particular.

### RESUMO

A discussão desta unidade demonstrou o impacto que os ideais de modernização e industrialização tiveram sobre a vida privada de diferentes grupos sociais. Tal impacto não ficou restrito à vida particular de cada família, mas se estendeu para toda a sociedade, transformando as formas e locais de sociabilidades.



### ATIVIDADES

Refleta sobre as transformações que a tecnologia provocou na sua vida. Considere para tal reflexão os celulares, os cartões de crédito, a internet e redes sociais no ciberespaço, a preocupação com a vigilância, que provoca a constante presença de câmeras em todos os ambientes. Escreva um texto, de cerca de três laudas, comparando o impacto dessas novas tecnologias no seu cotidiano. Compare, também, essa sua experiência com os relatos trazidos nesta unidade.



### SUGESTÕES DE LEITURA

SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil. Vol 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Companhia das Letras, 1998. Introdução.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2001.

### PALAVRAS FINAIS

Muito bem! Você concluiu mais uma etapa de seus estudos.

Nesta disciplina você estudou alguns dos principais acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais que marcaram o período contemporâneo. Ficou fácil perceber que a proposta de abordagem deste livro era diferente da habitual. Ou seja, estudamos essas transformações através da seleção de alguns temas específicos.

A palavra que resume este volume é: revolução. Esse substantivo pode ser utilizado para qualificar cada um dos temas abordados nesta disciplina. Inicialmente, a temática era exatamente as revoluções que marcaram os séculos XIX e XX. Em seguida, foram abordados diferentes tipos de movimentos e comportamentos revolucionários, envolvendo não apenas aspectos políticos e econômicos de uma sociedade, mas expandindo essa abordagem “revolucionária” para as transformações sociais e culturais que caracterizaram o século XX.

Finda esta disciplina, mas não terminam seus estudos. Utilize os conceitos e processos históricos apreendidos neste volume para perceber, analisar, criticar diferentes sociedades e transformações sociais.

Até logo!

### REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. Paz e guerra entre as nações. São Paulo: IBPRI, 2002.
- ARRUDA, José Jobson de A. A Revolução Industrial. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. Introdução à História Contemporânea. São Paulo: Círculo do Livro/Zahar, s. d.
- BARROS, José D’Assunção. O campo da história: especialidades e abordagens. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BRESCIANI, Maria Stella. Metrôpoles: As Faces do Monstro Urbano (A Cidades no Século XIX). In: Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Editora Marco Zero, 1984/85, v. 5, n° 8/9, pp. 36-40.
- BURKE, Peter. Variedades de história cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand do Brasil, 1990.
- CROUZET, Maurice (Dir.). História geral das civilizações: o século XIX – o apogeu da civilização européia. t. 6. São Paulo: Difusão Européia, 1958.
- DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na rua Saint-Séverin. In: O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa. Graal. Ed. 4. 1996.

- EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter (Orgs.). Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Contexto, 2003.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: uma história dos costumes. v. 1 Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FLORENZANO, Modesto. As revoluções burguesas. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 27 reimpr. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- \_\_\_\_\_. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis, Ed. Vozes. 1987.
- GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1993.
- HOBBSBAWM, Eric J. A era das revoluções: Europa (1789-1848). 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- \_\_\_\_\_. A era do capital (1848-1875). 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- \_\_\_\_\_. A era dos impérios (1875-1914). 13. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- \_\_\_\_\_. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HUGHES, Robert. Goya. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- JANIK, Allan S.; TOULMIN, Stephen. A Viena de Wittgenstein. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- KHATOUNIAN, Carlos Armênio. A reconstrução ecológica da agricultura. Botucatu: Agroecológica, 2001.
- LAPA, José Roberto do Amaral. A Cidade: Os Cantos e os Antros. Campinas 1850 – 1900. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 210.
- LÖWY, Michael (Org.). Revoluções. São Paulo: Boitempo, 2009.
- LUQUET, P.; DUNOIS, A. (Orgs.). A Comuna de Paris: textos, documentos e uma análise sobre as repercussões no Brasil. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968.
- MARQUES, Adhemar M.; BERUTTI, Flávio C.; FARIA, Ricardo de M. História contemporânea através de textos. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MELO, Victor Andrade de; SCHETINO, André. Livre para pedalar. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 5, n. 57, p.42-45, jun. 2010.
- OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. O feminismo desconstruindo e reconstruindo o conhecimento. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 229-245, jan.-abr./2008.
- PERROT, Michelle. História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2001.

QUEIROZ, Eça de. Obra completa. v. 4. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

RIBEIRO, Matilde. O feminismo em novas rotas e visões. Estudos feministas, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 801-811, set.-dez./2006.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. 7. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil. Vol 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2005.